

# O OURO DO BRASIL

A poluição com mercúrio no Tapajós coloca em risco a vida de quem vive próximo aos garimpos de Itaituba e Crepurizão. Peixes carnívoros, como o Tucunaré e Dourado, poderão morrer nestas áreas.



## PROVÍNCIA AURÍFERA DO TAPAJÓS

Itaituba, a mais importante cidade da região, tem 100 mil habitantes. Cerca de 60% da arrecadação do município vêm dos impostos sobre a compra e venda de ouro. As 112 farmácias da cidade são um reflexo da precária saúde da população.

Reportagem: Ricardo Leopoldo  
Fotos: André Brant

# Mercúrio provoca a morte lenta do Tapajós

**Itaituba (PA)** — A poluição nos rios da região do Tapajós, no Pará, é gravíssima, provocada por altos índices de mercúrio lançados aos rios. Esta é uma tragédia ambiental silenciosa, lenta, mas violenta. A população ribeirinha deverá começar a sentir os males do metal depois de algumas décadas, como ocorreu na baía de Minamata, no Japão, a partir de 1953.

O comentário é do professor Geraldo Guimarães, do Departamento de Engenharia Química da Universidade Federal do Pará.

Segundo ele, a população do Tapajós, principalmente aqueles próximos a garimpos, como em Itaituba, estão vivendo o perigo de conviver com o mercúrio, lançado aos rios pelas lavras de ouro.

**Rejeitos** — “Na década de 50, dez mil pessoas foram contaminadas pelos rejeitos de mercúrio, lançado na baía de Minamata por uma empresa que fabricava matéria-prima para plásticos. Elas foram atingidas através do consumo de peixes contaminados e tiveram distúrbios neurológicos incomuns”, diz.

Guimarães explica que o mercúrio despejado no meio ambiente pelos garimpeiros do Tapajós poluem os ecossistemas de forma definitiva, além de prejudicar os trabalhadores, que aspiram o vapor do mercúrio, quando ele é separado do ouro através de maçaricos.

“O mercúrio inalado tem efeito cumulativo, ou seja, entra pelo pulmão, alojando-se no cérebro. Por outro lado, o gás do mercúrio castiga a região, quando volta ao solo e rios através das chuvas.

Wolfgang Pfeiffer, diretor do laboratório de rádio-isótopo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mede o impacto ambiental da região do Tapajós há dez anos.

**Padrões** — Pfeiffer diz que nos principais garimpos da região de Itaituba e Crepurizão, os níveis de mercúrio registrados são de pelo menos 1,5 micrograma por grama, cinco vezes mais do que os padrões aceitos pela comunidade científica internacional.

O professor do departamento de Biofísica da UFRJ diz que os peixes carnívoros destas áreas, como o Tucunaré e Dourado, podem estar contaminados pelo excesso de mercúrio nos rios.

“É preciso que o governo fiscalize melhor a atividade garimpeira, e não permita o uso intensivo de mercúrio. Na região, a média de mercúrio utilizado é de aproximadamente um quilo de metal para cada quilo de ouro extraído”, diz.



Na região, um quilo de mercúrio é usado para cada quilo de ouro extraído

## ZÉ ARARA

### O garimpeiro de R\$ 10 milhões

Em 1969, o piauiense José Cândido de Araújo, então com 38 anos, decidiu morar em Patrocínio, uma região inhospita do Tapajós, distante 420 quilômetros de Itaituba.

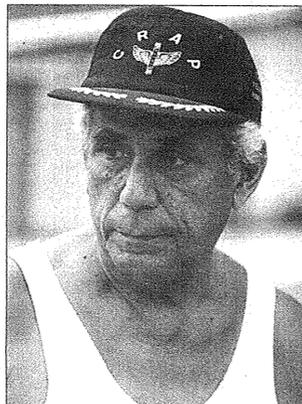
Estava certo que encontrara o Eldorado brasileiro. Entrou na mata virgem com alguns instrumentos e excesso de otimismo.

Uma década depois, o apelido de Araújo, “Zé Arara”, passou a identificá-lo como a pessoa mais famosa da região. No início dos anos 80 chegou a ser um dos homens mais ricos do Pará.

Há 15 anos, o garimpo de Zé Arara atingiu uma média mensal de aproximadamente 400 quilos. Chegou a comercializar uma tonelada do metal em 30 dias, vendida ao Banco Central. Somente esta empreitada rendeu-lhe o equivalente a R\$ 10 milhões.

**Agitação** — “Zé Arara é quieto, muito desconfiado, mas expansivo com os poucos amigos. No Patrocínio, esqueceu a vida pacata de datilógrafo em Parnatba e passou a administrar a agitação de businessman, preocupado em lidar todos os dias com cifras milionárias. Além de alguns imóveis, teve nove aviões monomotores e usava seu próprio Learjet para comercializar ouro na Caixa Econômica Federal e no BC.” “A vida foi feita para respeitar o próximo. Uma palavra vale mais do que dez páginas de papel carimbado. A honra é tudo.”

José Silva, ex-gerente do banco Econômico, foi contratado em 1982 por Zé Arara para ser um dos administradores dos seus negócios em Itaituba.



Zé Arara: uma palavra vale mais do que documento

“Ele é um homem simples, mas dá sempre a palavra final. Não fala com ninguém sobre o seu atual patrimônio”, relata.

Marleni Ficks, presidente da Associação dos Mineradores de Ouro do Tapajós (Amot), conta que no início da década de oitenta, ela e o marido foram convidados por Zé Arara para visitá-lo em sua residência em São Paulo.

“Era um apartamento duplex, na Avenida Paulista. O Zé chega-

va no prédio através de helicóptero”, narra.

**Atitude** — Sua fortuna veio rápido, acompanhada de estórias folclóricas. No início dos anos 70, quando seu garimpo estava em plena expansão, tomou uma atitude que intrigou seus empregados na época.

Indenizou 30 prostitutas para que parassem de trabalhar. No lugar do bordel, abriu uma escola para os filhos dos empregados.

Tempos depois Zé Arara decidiu ter no garimpo vacas e jêgues. Como a única forma de acesso à região é pelo ar, Zé Arara ordenou que os animais fossem levados para o local através de seus aviões.

Elmer Prata Salomão, diretor do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), é um das pessoas que mais conhecem Zé Arara.

“Trata-se de um homem que tem visões, persistente. Possui um raro feeling comercial. Apesar das dificuldades, acredito que ele não está pobre, pois voltou a atuar exclusivamente em seu garimpo. Se Zé Arara tivesse acesso a estudos, seria muito importante ao setor mineral do país”.